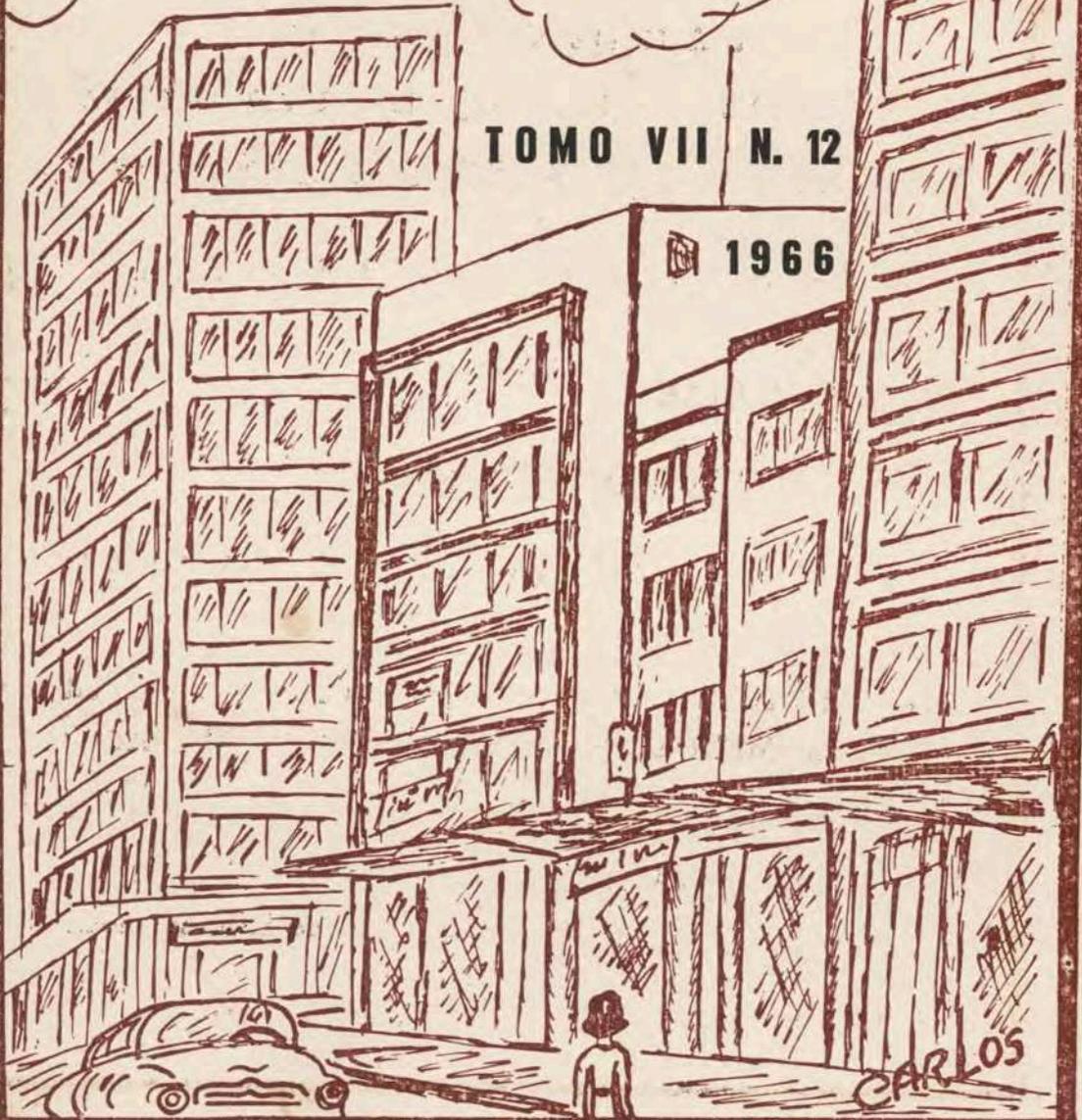


# BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII N. 12

1966



# **Companhia Comercial SCHRADER**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 117

CAIXA POSTAL, 4 — End. Telegráfico: «CIASCHRADER»

**BLUMENAU - SANTA CATARINA**

**107 Anos de tradição no Comércio de Santa Catarina**

**MOBIL OIL**

**MERCEDES-BENZ**

**DUNLOP**

NOVA E MODERNA OFICINA MECÂNICA E SECÇÃO DE  
PEÇAS «MFRCEDES·BENZ» — RUA ITAJAÍ, 625

GRUPO BOA VISTA DE SEGURO

SANTA CRUZ - Cia. de Seguros Gerais.

# BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII



N.º 12

## DA VIDA DE UM ALEMÃO NO BRASIL

Temos lido muito dos sofrimentos, das amarguras, dos sacrifícios por quê passaram os imigrantes alemães que, no século passado, vieram para as colônias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Algumas famílias que deixaram a velha pátria em busca de maior bem estar em terras brasileiras passaram, realmente, por verdadeiro inferno até que conseguissem chegar à gleba que lhes daria, com abundância material, paz e tranquilidade. O artigo que se vai ler, organizado por H. Schuffler, de notas extraídas do Diário de Matias Schmitz, colono de Teresópolis, em Santa Catarina, falecido em 1896, nos dá bem uma idéia do quanto custou, a muitos desses abnegados imigrantes, a prosperidade de várias das nossas ricas e futuras comunas. A riqueza, o extraordinário desenvolvimento de muitas cidades que, como Blumenau, nasceram da imigração alemã, foram cimentados com suor, com lágrimas e com dores que, hoje, mal podemos sequer imaginar. O drama vivido por Matias Schmitz foi o de muitos colonos que, como êle, deixaram pátria, lar, parentes para virem cooperar conosco no engrandecimento do nosso Brasil. Publicando este artigo, em tradução do nosso companheiro J. Ferreira da Silva, prestamos a nossa homenagem de gratidão à memória desses heróis, tão humildes quão sublimes no seu sacrifício, que nos legaram exemplos magníficos de coragem, de trabalho persistente e produtivo, de fé nos gloriosos destinos da nossa Pátria.

---

“Depois da tempestade vem a bonança”. Muitos já provaram a exatidão desse provérbio. Também eu já experimentei alternativas de alegrias e de tristezas. Para muitos talvez seria interessante lançar uma olhada sobre a minha vida passada. Por isso vou contar alguma coisa do que me sucedeu. Antes, porém, quero excusar-me de algum arranhão à sintaxe, pois, um escritor bisonho como eu, olha mais para o sentido da sua narração do que para a correção da linguagem. Já como criança e muito mais depois de rapaz eu tinha uma grande repugnância pela emigração para outras terras e especialmente para o Brasil. Eu estremecia todo só de ouvir-lhe o nome, pois eu imaginava essa terra muito diferente daquela que eu posteriormente vim a conhecer. Eu fazia idéia de uma terra selvagem, cujos poucos habitantes teriam apenas o nome de gente, mas que se assemelhassem mais a animais; uma terra onde se esperasse sair de detrás de cada moita ou de

cada arbusto uma cobra a nos dar o bote, ou um animal a atirar-se sobre nós e nos estrangalhar; uma terra onde não se pudesse dar um passo sem temer ser aprisionado pelos bugres, esquartejado, assado e comido.

Entretanto, desprezando tudo isso e acreditando que, acontecesse o que acontecesse eu não encontraria felicidade na Alemanha, deixei me engabelar e como moço de 20 anos, com meus pais e outros emigrantes, rumamos para o Brasil. Onze famílias, que contavam muitos moços e moças, deixamos contentes e cantando o nosso pequeno povoado (Loefelscheidt em Hunsrueck) com destino à nova Pátria. Contudo, alguns dos emigrantes choravam amargas lágrimas quando se despediam dos seus parentes mais próximos e dos seus amigos, estendendo-lhes a mão pela última vez e dizendo-lhes eterno adeus.

Quando chegamos a uma pequena elevação, pouco adiante da aldeia e até onde os habitantes nos haviam acompanhado, também eu pela última vez, olhei para a minha terra natal com os olhos marejados de lágrimas. Por pouco não voltei sobre os meus passos e só não o fiz porque muitos dos meus camaradas, que comigo seguiam, puzeram-me ânimo, encorajando-me com a segurança de que só no Brasil é que nos sorriria a felicidade. E, assim, de repente, tristezas e dôres me deixaram e assobiando e cantando pulei para a carroça que ia carregada de baús e pacotes e onde outros companheiros já haviam tomado lugar e lá seguimos, tão lentos como o cavalo podia trotar, estrada a fora em direção ao Rêno.

Chegados à cidade de B. apeamos diante de uma hospedaria para pernoitar. Deixando aos velhos os cuidados com a bagagem, entramos logo, nós moços, na hospedaria e, entre graçolas às moças emigrantes mandamos abrir uma boa garrafa de vinho do Rêno com que espantamos as idéias tristes e sorridentes e felizes passamos quase tôda a noite.

Na manhã seguinte, depois de termos levado os pacotes e baús e caixas para um vapor que atracara perto, também nós subimos para bordo e, sem outros incidentes chegamos à cidade de Colônia. Permanecemos ali um dia inteiro. Embasbaquei-me diante das belas casas de comércio e visitei a catedral onde, elevando o meu pensamento ao céu, pedi a Deus que me servisse de ajuda e proteção durante a nossa futura viagem. No dia seguinte, era 10 de outubro, embarcamos no trem e, na mesma noite chegamos a Ostende, na Bélgica, onde descemos para emprender a viagem por terra até a cidade de Dunquerque, na França, onde embarcaríamos num veleiro, com destino ao Brasil.

Antes de prosseguir com a narração devo voltar ao meu torrão natal para que os meus prezados leitores tenham uma idéia mais clara da minha viagem e dos trabalhos e amarguras por que passei.

No ano anterior (1845) ao da nossa emigração, fôra fundada no Brasil uma nova cidade, denominada Petrópolis (residência de verão do Imperador) que seria povoada por alemães. Por isso o governo brasileiro fêz um contrato com um determinado armador, chamado Delrue, na cidade portuária de D. na França e em virtude do qual êle se obrigou a expedir para o Rio de Janeiro, por conta daquele govêrno, um certo número de emigrantes para a cidade e colônia de Petrópolis. E para reunir essa gente, o tal D. nomeou agentes em vários lugares. Apesar do govêrno concorrer com

tôdas as custas da emigração dizia-se que os alemães eram explorados pelos agentes e pelo próprio armador D. e todos deviam pagar tanto que alguns foram depenados até o último groschen. No ano seguinte, àquele em que nós emigramos, os agentes espalharam por tôda a parte a notícia de que um determinado número de alemães poderia ainda seguir para o Brasil, por conta do govêrno dêsse país, correndo por conta dos emigrantes apenas o custo da passagem até a cidade portuária de D. E por cima de tudo, o Brasil era apresentado como o paraíso terreal e que os emigrantes ali teriam terra boa, uma casa bonita e muitas outras coisas, tudo de graça. Não foi pois de admirar que muita gente se aprontou para ir de encontro à felicidade. A maior parte dessa gente era dos que nada tinham a perder na sua pátria e que não tinham nem mesmo o suficiente para pagar o transporte até à aludida cidade portuária. Muitos entretanto calcularam assim: "Tu te arranjarás com os teus até lá, mesmo que tenhas que passar fome ou sêde. Uma vêz lá chegado, serás duplamente pago. O Brasil é rico e o govêrno prometeu tudo de bom e certamente saberá manter a palavra".

Mas a coisa veio foi de outro jeito. Logo que os emigrantes chegaram em D., o armador D. exigiu o preço integral da passagem para o Brasil e disse-lhes que quem não pudesse pagar não viajaria, pois êle nada tinha que ver com o govêrno brasileiro, porque êste não lhe pagaria. É bem verdade que no ano anterior o govêrno brasileiro arcara com a maior parte das despesas, mas que neste ano quem quizesse seguir para o Brasil tinha que ir às próprias custas. Aquêles, porém, que para lá fôsem, o govêrno os acietaria e cuidaria dêles.

Só então viu-se que tudo não passava de um lôgro. Quando os emigrantes viram que não havia outro remédio senão fazer cada um pela vida, aquêles que tinham ainda tanto dinheiro resolveram pagar o exigido. Dessa forma, alguns navios com emigrantes foram expedidos para o Brasil. A maioria, porém, teve que procurar um jeito para o seu destino. Não poderiam já agora seguir para o Brasil e nem regressar para donde tinham vindo. Quem encontrou trabalho na cidade, atirou-se a êle. Muitos foram esmolar o seu pão. Diariamente chegavam mais dêsse logrados de sorte que em pouco a cidade estava cheia de alemães que, premidos pela necessidade, batiam de porta em porta por uma esmola. A miséria e a necessidade eram tão grandes por fim que o govêrno francês providenciou o embarque de muitos dêsses logrados em navios e mandou-os para a África, para se ver livre dêles na cidade.

Por fim, nenhum emigrante podia mais transpôr as fronteiras da França sem trazer um documento assinado pelo armador D. em que êle se compromettesse a pagar-lhes a viagem e providenciasse-lhes alojamento e alimentação na cidade enquanto não seguissem para o Brasil ou para qualquer outra parte do mundo que fôsse o seu destino.

Foi exatamente por êsse tempo que umas 40 ou 50 famílias, no meio das quais eu me encontrava, nos preparamos para fazer a viagem de Ostende para D. e daí emigrar para o Brasil. Infelizmente, porém, já em Ostende os nossos planos não deram certo, pois lá logo nos comunicaram que não poderíamos ultrapassar a fronteira sem que provássemos que estávamos acordados com D. no tocante à nossa ida para o Brasil. Se não tivéssemos o dinheiro suficiente para cobrir tôdas as despesas da viagem, seria melhor

que regressássemos à nossa terra. E pensar que em nossa pátria agora não tínhamos nada mais de nosso onde pudéssemos deitar a cabeça! Felizmente, um dos agentes de D. estava conosco e com autorização do qual havíamos empreendido a viagem e que fôra obrigado a acompanhar-nos, pois eu tinha em mão várias cartas dêle que muito o comprometeriam e que para êle teriam consequências bem desagradáveis se eu as levasse à polícia. Naquela ocasião, tôdas as cartas dos agentes de D., que alguém possuísse estavam sendo apreendidas pelas autoridades policiais prussianas afim de processar o armador pelas muitas patifarias de que era acusado. Por isso, porque temesse que eu pudesse consignar as cartas, prontificou-se êle a interceder junto a D. para que nós viajássemos, senão totalmente de graça, pelo menos por um preço bem razoável. Êsse agente, segundo êle mesmo assegurava, fôra também logrado por D., pois lhe fôra assegurado que a emigração se faria nas mesmas bases do ano anterior, ou seja, inteiramente a custa do govêrno brasileiro, o que êle pensara conseguir e não alcançara. (O citado agente teve, mais tarde, de deixar secretamente a Europa, porque a polícia estava no seu encaço, veio para o Brasil, onde eu mesmo lhe falei e permaneceu alguns dias nas colônias alemãs. Pouco depois porém desapareceu e, segundo se disse, morreu de uma morte vergonhosa, pois foi encontrado morto no meio do mato, esfarrapado e sujo, acabado pela fome e sede.)

Passamos, portanto, alguns dias em Ostende e, durante êsse tempo, o citado agente seguiu para D. para combinar com o armador a respeito da nossa viagem. Certo dia êle apareceu, de volta em Ostende acompanhado do próprio armador. Começou-se, então a discutir um acôrdo. De comêço, D. não queria reduzir nem um groschen, antes queria o preço da passagem inteira, que importava em 40 thaler por cabeça de pessoa maior de 12 anos e 20 pelos menores dessa idade. Afinal, depois de todos terem se queixado com amargura terem sido logrados tão escandalosamente, e de não possuírem o dinheiro necessário para a viagem que lhes tinha sido acenada com tantos engodos, conseguimos por intermédio do agente que D. se contentasse com  $\frac{2}{3}$  do valor da passagem. Quem tinha dinheiro suficiente, pagou; quem o tinha demais emprestou aos outros para ser reembolsado no Brasil. De minha parte, precisei emprestar 50 thalers para pagar as minhas e as despesas dos meus pais e irmãos. Por fim, onze famílias, 3 das quais da minha aldeia natal, tiveram que ficar porque não tinham dinheiro bastante; os outros todos, aliás, não tinham tanto dinheiro que pudessem ajudar mais de uma única família. Essas famílias foram, depois, obrigadas pela polícia a voltar até a fronteira de onde elas teriam que regressar para os seus lugares de origem. Como elas depois passaram mal, tendo perdido tôdas as suas posses, pode-se bem fazer uma idéia.

Logo que o negócio com D. ficou esclarecido, foram alugadas algumas carroças com que se carregaram as caixas, baús e malas e empreendemos a viagem por terra até a cidade de D. Quando chegamos diante desta, a polícia não nos deixou entrar até que chegasse o armador D. que se prontificou a cuidar de nós.

No pôrto já estava ancorado um navio no qual já se encontravam alojadas algumas famílias alemãs e o qual deveria seguir viagem no dia seguinte com destino ao Brasil. A nossa bagagem foi imediatamente levada para bordo e quem não quizesse pernoitar na cidade poderia embarcar logo e passar a noite no navio, o que a maioria fêz.

No dia seguinte (se não me engano era o 18 de outubro) o navio levantou ferros e, de velas pandas, rumou para o Novo Mundo. Encontravam-se a bordo 220 pessoas, tôdas emigrantes que, na grande maioria começaram a enjoar mal haviam passado algumas poucas horas de viagem. Um vomitava aqui, o outro lá e quando veio a hora do almoço, ninguém pensou em comer e beber. Isso, entretanto, só durou poucos dias, depois dos quais todos voltaram a ficar bem dispostos e a sentir fome e todos se atiraram, com excelente apetite sôbre o que haviam trazido da cidade para comer e beber. Apenas o chamado enjôo do mar sumiu, apareceu coisa pior, que foi a desintéria que uma família, sem que se tivesse desconfiado, trouxera para bordo e contaminou quase todos os imigrantes e até tripulantes. Pode-se bem imaginar o que isso causou de desconforto. Alguns que ainda podiam se manter em pé, teriam de boa vontade fugido se houvesse algum meio para isso. E quantas lamentações entre os doentes! Aqui um pedia água; outro ali suplicava que viesse a morte. Enquanto um lutava contra a morte, outro já tinha morrido. Dessa doença morreram dos nossos, durante a viagem (6 semanas) 27 pessoas, na maioria adultos, cujos corpos tiveram por sepultura o fundo do oceano. Só numa noite morreram três de uma vez. Logo que um morria, vinham alguns marinheiros, metiam o cadáver num saco, no qual punham também um pouco de areia e atiravam-no ao mar. De algumas famílias morreram o pai e a mãe, deixando, certas delas, 4 ou 5 filhos pequenos que logo eram amparados por outras pessoas de bom coração. O que tornou a miséria ainda mais triste foi a falta de alimentos. Mantimentos havia bastante, mas o capitão do barco não os distribuía. Até para os doentes não se conseguia, mesmo pedindo-a com insistência, um pouco d'água quente para a sopa quanto mais outra coisa. Quando se lhe contava quanto o doente ansiava por isto ou por aquilo, ou que isto, talvez, pudesse curá-lo êle respondia: "Nichts . . . kaputt, gut für die Fische" (Nada! que leve a breca! Fará bem aos peixes!).

Só me lembro de uma vez que, depois de muito insistir, êle concordou em vender por 5 francos uma garrafa de vinho aos meus pais doentes. Mas, em contrapartida, por duas vêzes, quando lhe estendi a mão pedindo uma xícara d'água para os doentes, êle arrancou-me a xícara da mão e jogou-a pela amurada ao mar. A comida que era distribuída no navio era muita para se morrer e muito pouca para se viver. Todo o sustento consistia em água de café, batatas meio podres, cevadinha, um pouco de carne salgada e torradas. Se ao menos a gente ganhasse disso com que se satisfazer, ou tão só bastante pão e água já se teria ficado contente. Mas, recebíamos de manhã, às 10 horas, uma xícara de café (que não era mais que uma água meio marron) com uma pequena torrada, às vêzes uma e meia. Depois, às 4 horas da tarde, cada um recebia um pratinho de lentilhas com um pedaço de carne que não tinha tamanho maior que o de um ôvo de galinha, ou, em vez disso, uma ou uma e meia batatas, cozidas com a casca e mais o aludido pedaço de carne, ou, em vez dêste, o mesmo tanto de cabeça de peixe salgado. Isso era o alimento para todo o dia. E assim se passava dia após dia. A água era distribuída com mais parcimônia ainda. Era uma tristeza quando se ouvia uma criança a chorar suplicando água e não lha davam. Como todos se alegravam quando chovia, o que aconteceu algumas vêzes. Então tôdas as vasilhas eram expostas para se captar um pouco d'água para se matar a sêde e o restante guardado com cuidado para enquanto permanecesse em condições, ser consumida. Se a nossa travessia tivesse demo-

rado tanto, como aconteceu com outros veleiros que ficavam 5 até 8 meses em viagem, nenhum de nós teria pôsto mais pé em terra. Os que não tivessem morrido de desenteria, teriam perecido de fome e sêde.

Por fim, quando já nos aproximávamos do término da viagem e a falta de alimentos era grande, juntaram-se todos os pais-de-família e os rapazes já mais crescidos, todos armados e apresentaram-se ao comandante exigindo comida, sob pena de vingarem-se nele. Isso ajudou um pouco. Assim obrigado, êle mandou vir para a coberta algumas barricas de torradas. Também foi trazida uma nova barrica d'água fresca da qual cada um pôde beber à vontade. Também nêsse dia a comida vinda da cozinha melhorou. Mas depois as coisas voltaram ao que eram antes.

Quanto ao estado de tempo, a nossa viagem foi muito boa. Só uma única vez tivemos uma tempestade que obrigou a todos a se recolherem aos porões, onde foram fechadas as vigias. Durante essa tormenta, quebrou-se a parte de cima de um mastro a qual ao cair sôbre o tombadilho fêz tal barulho que todos que estavam em baixo encomendaram suas almas a Deus, pois acreditavam que o navio afundava.

Finalmente, depois de seis semanas de viagem, meio mortos de fome, divisamos, numa madrugada, as montanhas do Brasil.

A alegria que de todos se apossou na expectativa de se verem logo livres daquela masmorra de misérias foi realmente grande. Ao primeiro grito de «Terra!», todos os que estavam em condições corriam, alguns até de gatinhas, para o tombadilho para se certificarem de que aquilo era de fato verdade.

Fomos cada vez mais nos aproximando de terra, as montanhas iam crescendo sempre mais e a terra ia se estendendo diante dos nossos olhos e, antes que caísse a noite, estávamos perto da entrada do pôrto do Rio de Janeiro, a capital do Império do Brasil. Como, porém, os ventos fôssem contrários, o navio não pôde entrar na barra e, por isso ficou bordejando tôda a noite até que, com a manhã, sopraram ventos favoráveis e o navio transpôs a barra com as velas pandas e lançou âncoras bem próximo à cidade. Assim estávamos, afinal, numa terra estranha, depois de longa espera e ansiosa esperança, onde cada um de nós esperava encontrar a felicidade, separados, para sempre, da nossa pátria. Os que podiam se aguentar em pé apressaram-se em subir para o convés donde contemplavam, satisfeitos, a grande cidade do Rio de Janeiro. Não demorou muito depois que o barco fundeara, chegou uma canoa com a visita na qual se encontravam um médico e um intérprete de alemão. Êsses senhores nos interrogaram sôbre a nossa viagem e o tratamento que tínhamos recebido e nós contamos-lhe tôda a verdade queixando-nos, especialmente sôbre o péssimo tratamento que recebêramos. Então o médico examinou os doentes, dos quais ainda se encontravam de cama, perguntou a cada um como se sentia, receitou medicamentos que imediatamente foram mandados buscar na cidade. Em seguida o comandante foi recomendado a tratar melhor os seus passageiros, especialmente os doentes, no que foi imediatamente atendido. Ao invés de ser negado aos doentes até mesmo um gole d'água, era-lhes servido um bom vinho e, ao contrário do que tinha acontecido que nem mesmo havia água quente em lugar de sopa, agora matava-se galinha e dava-se aos doentes não apenas o caldo mas até a carne para que êles quanto antes se revigorassem. Ao mesmo tempo

foi melhorado o passadio dos que não estavam doentes. Ao invés de, como antes, uma péssima refeição duas vêzes por dia, havia agora comida boa e farta. Ervilhas, feijão, arroz, bolo de farinha, boa carne, torradas e bom café, tudo com fartura. Assim, maus tempos tinham se mudado. O capitão frequentemente tornava-se rabujento e prefereria jogar fora a comida a ter que dá-la aos alemães. Porém nós não nos importávamos agora muito com êle, mesmo porque o médico vinha ver-nos todos os dias, para visitar os doentes e indagar de tudo, especialmente da comida e êle mesmo ia à cozinha e examinava os alimentos. Vinham também, muitas vêzes, canoas até o nosso navio com frutas da cidade, especialmente bananas e laranjas que eram, para nós excelente refeição. Aqui eu vi, pela primeira vêz na minha vida, gente negra. Em cada canoa estavam dois a quatro negros que remavam. Muito pretos, de dentes brancos, cabelos lanudos, estampa robusta, quase nús, com apenas um pedaço de calças que chegava até os joelhos, banhados de suor sôb o medonho calor, assim eu vi os primeiros pretos e senti-me verdadeiramente horrorizado. Mas fiquei com pena dêles quando considerei que êles, sendo homens como nós, tinham que servir como escravos, talvez até muito maltratados, o que aqui não é raro. Tivemos que ficar ainda a bordo durante dez dias, até que pudéssemos descer à terra. Isso por causa da doença que os brasileiros temiam pudesse espalhar-se pela cidade e contagiar os seus habitantes. Mas, segundo eu acreditei, mantiveram-nos por tanto tempo no navio por um outro motivo, pois, durante a nossa permanência no pôrto vinha diàriamente a bordo um senhor, que devia ter um emprêgo no Rio, em companhia de outros senhores e um alemão, que de certo deveria servir de intérprete, com umas grandes fôlhas de papel escritas de um lado em português e do outro em alemão. Que significaria isso? Êsses senhores tinham grandes áreas de terras nas imediações, onde era muito mais quente do que no Rio e de cujo nome não me lembro. Êles queriam colonizar essas terras com colonos alemães. Por êsse motivo êles traziam os papéis que continham as condições com as quais os alemães deveriam concordar. Segundo essas condições, cada alemão receberia um pedaço de 200 morgos mediante determinado preço. Nos primeiros três anos, não se teria nada de pagar; daí em diante começava-se a amortizar o valôr em prestações anuais de sorte que todo o pagamento fôsse feito dentro de seis anos. Quem, até lá não tivesse pago, ficaria sujeito a juros. Até lá também os proprietários se responsabilizariam pela manutenção dos colonos até que êstes estivessem em condições de se manterem por si mesmos e a quantia respectiva também seria reembolsada mais tarde. Quem estivesse de acôrdo com isso, deveria assinar o contrato e então seguir, com o mesmo navio para o local em que se situavam as terras. Naturalmente acreditando que eu sabia lêr melhor do que os outros alguém me apresentou o tal papel. Depois que eu considerei tudo muito bem, eu disse: "Cada um faça o que quizer; eu, porém, com meus pais e irmãos queremos, antes descer à terra. Lá eu indagarei bem das coisas, e se me fôrem favoráveis, concordarei em assinar. Numa terra estranha não se pode confiar em quaisquer condições que se nos ofereçam sem saber se é coisa séria." Tendo eu dito isso, ninguém quiz assinar o contrato e os senhores regressaram azêdos à cidade. Dias depois, porém, êles voltaram novamente e procuraram convencer a gente. E, por fim, acreditando que tudo dependia de mim, chamaram-me à parte e prometeram-me uma boa recompensa, e até terras de graça, com casa de moradia, se eu convencesse o pessoal a assinar o contrato. Mas eu mantive-me firme no ponto de vista de

primeiramente desembarcar e, depois, resolver. Duas famílias deixaram-se convencer e assinaram o contrato, por isso foram logo transferidas para outro navio, onde já se encontravam outros, para, com êstes, empreenderem a viagem para o lugar determinado. Mais tarde eu fui informado por um, que fugira daquele lugar, que quase todos haviam morrido em virtude do clima insalubre e do horrível calor.

Finalmente, quando o capitão se convenceu de que não assinariamos de nenhuma maneira o contrato, fomos desembarcados, depois de 10 dias da nossa chegada, no lugarejo Praia Grande, que ficava diante do Rio, do outro lado da baía. No mesmo dia, antes de deixarmos o navio, o capitão reuniu a todos na coberta e exigiu que pagássemos o restante da passagem, pois, tínhamos pago conforme acordáramos em D. só 2/3. Êle declarou que o armador D. tinha-o encarregado de cobrar essa importância, por ocasião da chegada ao Rio, ou então êle embargaria as nossas caixas e malas e tudo quanto nelas se contivesse para vendê-las e pagar-se daquêlê prêço. Aí as coisas se complicaram. Nenhum de nós tinha mais tanto dinheiro e ninguém queria perder os seus poucos haveres. Os homens reclamavam, as mulheres pediam e amaldiçoavam. Nada porém adiantava. Fomos mandados para terra assim como estávamos, sem poder levar nada conosco do que era nosso. O que fazer e onde? Jazíamos ali na praia até que uns brasileiros chegaram-se a nós e apontaram-nos uma grande casa próxima, uma espécie de quartel, dando-nos a entender que fôssemos para lá, o que de fato fizemos para proteger-nos do sol e pensar, na sombra, nos nossos infortúnios. Ali deveríamos passar a noite, sem os nossos pertences, sem comer nem beber, sem cama; o puro chão do assoalho deveria ser o nosso pouso. O que seria do nosso futuro, apresentava-se-nos um enigma. Começaram os choros e os clamores, especialmente entre as mulheres e crianças. Aqui uma mulher rezava fervorosamente; outra ali chorava, acolá outra que xingava o marido por a ter seduzido para vir para o Brasil; mais outra amaldiçoava o país onde teria que morrer de fome com os filhos se não fôsse mendigar. E as crianças pediam pão aos gritos e a maior parte não podia dar-lhes coisa alguma. Se a um ou outro ainda restava algum dinheiro, êste ficara nas malas a bordo. Algumas mães, desesperadas com o constante chôro das crianças criaram coragem e foram até uma padaria próxima, onde, por sinais, fizeram entender a sua ardente súplica por um pouco de pão para os filhos que levavam aos braços. Realmente, o pão lhes foi dado com bastante liberalidade. Assim, passamos a primeira noite na nossa nova pátria onde deveríamos ser felizes, na maior miséria e naturalmente, ninguém pôde pegar no sono e todos suspiravam pelo dia seguinte para saberem em que iam parar as coisas. Eu também durante tôda a noite dei tratos à imaginação para descobrir um meio de solucionar o angustiante problema. Numa terra estranha, onde eu não conhecia ninguém, ignorando a língua, sem dinheiro, tendo ainda duas moedas de cinco francos mas que haviam ficado na minha mala, que poderia eu fazer? E, no entanto, tinha que ser achada uma solução. Eu resolvera com o raiar do dia, seguir para o Rio num barco e ir me aconselhar com o Cônsul da Prússia. O dinheiro para a passagem de barco, eu arranjaría com os poucos que haviam atendido a exigência do comandante e haviam ficado com os seus haveres. Assim, quando amanheceu o dia, com alguns francos emprestados na algibeira atravessei o lugarejo para ir até o Rio. A certa distância vi um homem que vinha na minha direção e que, a julgar pelas feições, era um alemão. De fato o era. Como me senti alegre quando êle me falou em ale-

mão e me disse que já estava há diversos anos no país e que morava na cidade. Depois de me ter perguntado se eu era um dos alemães recém chegados e como passáramos e quando lhe contei tudo o que nos tinha acontecido e qual a nossa situação, aconselhou-me a ir falar com o Cônsul. Êle mesmo ofereceu-se a me acompanhar e a prestar me tôdo o auxílio possível. «Venha até a minha casa», disse me êle, vamos tomar juntos uma xícara de café e depois iremos ambos ao Rio». Eu porém desculpei-me, dizendo-lhe que primeiramente teria que avisar a minha gente e pedi-lhe que depois me procurasse no barracão, o que êle prometeu. Tendo encontrado quem de tão boa vontade desejava ajudar-me tirei um grande pêso de sôbre o coração e novo ânimo apossou-se de mim. Fui às pressas até aos meus, contei-lhes o que acontecera e o que havíamos resolvido e todos se sentiram mais encorajados.

Passara-se menos de uma hora quando o nosso patricio alemão chegou no barracão. Tomamos depois a lancha e após pouco tempo chegamos ao Rio. Lá procuramos o Cônsul prussiano que não nos recebeu bem. Depois de eu lhe ter contado a nossa situação, êle deu como resposta que tinha mais que fazer do que se importar com imigrantes; que nós teríamos feito melhor se tivéssemos ficado em nossa pátria, onde, sob a proteção de um bom regente certamente teríamos vivido. Com essas palavras, despediu-nos. Novamente na rua, disse me o meu patricio: «Vamos tentar mais alguma coisa. E fomos então a um outro cônsul, não posso recordar-me se hamburguês, bremsense ou de qualquer outro país europeu. Desta vêz fomos recebidos cordialmente. Eu tive que contar-lhe tôdas as peripécias da nossa viagem e êle lamentou sinceramente que tivéssemos que passar por tantas vicissitudes. Êle acreditava que o comandante não tinha o direito de penhorar as nossas coisas, mesmo que nós não lhe tivéssemos pago. Êle teria que exigir o pagamento na ocasião do embarque. Também o Corretor D. tinha má fama perante o govêrno, porque no ano anterior quando a emigração se fazia por conta do govêrno, houve muita desonestidade e a gente não tivera o tratamento que lhe fôra garantido. Por isso, já então foram dirigidas muitas queixas ao govêrno que rescindira o contrato com D. e não quiz mais negócios com êle. O citado cônsul foi tão serviçal que, tendo entiado o seu paletó, saiu convidando-nos a segui-lo. Êle caminhou um pedaço pela cidade, dobrou aqui uma rua, mais adiante outra e nós sempre o acompanhando até que por fim parou diante de uma grande casa que, a julgar pela placa que apresentava era uma repartição do govêrno, para se refazer um pouco da caminhada. Por fim, depois de êle mandar que o acompanhássemos fêz-nos entrar. Entramos numa grande sala onde estavam muitos senhores sentados em redor de uma mesa, ocupados em escrever. Que escritório era aquêl, eu não posso dizer, mesmo porque não indaguei nada a respeito. Em todo o caso, os senhores que ali se encontravam eram funcionários do govêrno brasileiro. Com um dêsses senhores o cônsul começou a conversar, não tendo eu entendido patavina porque êles palestravam em português. Mas notei claramente que tratava-se da nossa situação. Depois de bastante tempo de conversa, fui perguntado como se chamavam o comandante e o navio em que tínhamos vindo. Os nomes que eu declarei foram logo anotados num papel. Em seguida fomos despedidos com tôda delicadeza com a segurança de que a nossa bagagem, ainda antes do anoitecer nos seria devolvida. Nós ainda acompanhamos o Cônsul até a sua casa onde eu lhe apresentei os meus agradecimentos pelo incômodo que tivera e eu e meu patricio regressamos.

Entretanto chegara o meio dia. Eu sentia uma fome desesperada, pois nada havia comido ainda e o meu patrício pareceu-me que sentia a mesma coisa e por isso, alegando que no momento não havia barco para o outro lado convidou-me para entrar num restaurante para comer e beber alguma coisa. Encaminhamo-nos para outra rua onde entramos num restaurante francês. Lá o meu acompanhante encomendou um bom almôço com uma garrafa de vinho, que saboreamos com grande prazer. Êle pagou a conta de ambos. Se eu tivesse que pagar a minha parte teria que me meter em nova emburalhada pois eu não tinha mais que um franco o que não teria sido suficiente. Assim, porém, podia eu conservar o dinheiro emprestado e na minha volta poderia devolvê-lo. Deixamos o restaurante e como demorasse muito ainda até que outro barco partisse para o outro lado, caminhamos despreocupadamente pela cidade, vendo diversas casas de negócio muito bonitas grandes prédios e por fim fomos ao mercado onde provei algumas gostosas bananas e laranjas. Depois, regressamos ao ponto de embarque onde mal tivemos tempo de apanhar o barco que saía para o outro lado da baía. Como eu me senti alegre quando, nem tendo mesmo chegado, vi que a nossa gente estava ocupada em carregar caixas, caixões e camas e outros objetos de um grande barco para o barracão. Também o meu companheiro estava satisfeíssimo por ver que a nossa caminhada fôra coroada de êxito. Mas maior ainda era alegria entre os nossos, por terem recuperado a sua bagagem que já julgavam perdida. Mal desembarcáramos, muitos vieram ao nosso encontro, agradecendo-nos os esforços que fizéramos. Também eu apertei a mão do meu acompanhante e apresentei-lhe o meu profundo reconhecimento pela sua ajuda e enquanto êle se dirigia para sua casa, fui ajudar os companheiros a recolherem os seus trastes.

Fôra, assim, o capitão, por ordem do Rio, obrigado a devolver-nos o que era nosso, mas muita coisa ficou faltando, como várias espingardas de dois canos, panelas de cobre, outros valiosos artigos de cozinha etc. Caixas tinham sido arrombadas e delas retirados objetos. Uma caixa minha, que estava duplamente chaveada, foi arrombada e dela foram furtados seis cachimbos, entre os quais um que o comandante, durante a travessia, por várias vêzes quiz comprar e pagar, com o que, entretanto, eu não concordara. E afinal êle ficou com o cachimbo por pouco mais de nada, pois lhe custou, apenas, um golpe.

No outro dia eu quiz voltar novamente ao cônsul para contar-lhe o acontecido e ver se, pelo menos, poderíamos ainda salvar as coisas mais caras para os meus patrícios e quem sabe se alguns dos meus cachimbos. Quando, porém, eu cheguei de barco ao local em que o navio em que viéramos devia estar ancorado, dêle nada mais se via e fui informado que o mesmo havia deixado o pôrto. Assim, tivemos que conformar-nos com a perda dos demais objetos. Logo, porém que um mal fôra afastado, outro já nos batia à porta.

Tínhamos as nossas caixas, camas, alguma roupa e al-

guns móveis. Também de objetos de cozinha não havia falta, pois cada família havia trazido alguns da Europa. Faltava, porém, o que pôr dentro das panelas. Nos primeiros dias, cada um se ajudou mutuamente. Por fim, acabara-se todo o dinheiro e que fazer? Nós vivíamos ainda na esperança de que o governo se ocuparia de nós, mas já estávamos desiludidos, pois muitos dias se tinham passado sem que alguém nos viesse dizer alguma coisa. E quando todos os gêneros e todo o dinheiro se acabaram, começaram a miséria, as queixas, os xingamentos, o chôro das mulheres no mais alto grau. Uma excomungava a terra dos macacos, como ela chamava o Brasil, outra xingava o marido que a trouxera da Alemanha para passar fome aqui no Brasil e outra, que na Alemanha sabia já muito bem como se pedia esmola, saiu rindo das outras para a cidade e pouco depois voltou com uma carga de gêneros e dinheiro que ela esmolara e distribuiu as sobras aos outros. Eu mesmo sentei-me à porta, sôbre um monte de lenha e, com a cabeça entre as mãos, comecei a imaginar planos para livrar-nos da situação. Afinal resolvi pôr logo em execução uma idéia que me veio. Eu iria pessoalmente ao Imperador e contar-lhe-ia os nossos sofrimentos e as nossas queixas e êle certamente estenderia sôbre nós a sua mão clemente. Antes, porém, teria que ser feita uma petição que lhe consignaria. Eu mesmo a escreveria, contando-lhe tudo o que nos acontecera na triste viagem e na dolorosa necessidade e na grande miséria em que nós nos achávamos e que pereceríamos todos se êle não nos ajudasse. Depois, eu mandaria traduzir o meu escrito. Mas, de onde tirar o dinheiro? Talvez, pensei eu, se encontrará novamente alguém que, por amor de Deus, faça alguma coisa por uns pobres e abandonados alemães. Eu dei a todos conhecimento do meu plano e pedi que êles reunissem algum dinheiro, se ainda houvesse algum. Todos gostaram muito do meu plano. E cada qual que ainda tinha alguma coisa deu-a de sorte que chegamos a reunir 8 mil réis. Meti logo mãos à obra e, em breve tinha-a pronta tão bem quanto foi permitido a um escritor bisonho. Depois eu o li para tôda a assembléia e todos me elogiaram pelo bom trabalho que eu tinha feito. O principal que eu pedi no meu memorial foi um auxílio que nos livrasse da morte pela fome, e terra onde, por um trabalho porfiado, ganhássemos o nosso pão. Eu convidei um moço das redondezas, que conhecia tudo bem e em quem confiei, e, no outro dia, seguimos com o barco para o Rio. Lá chegados, indagamos de um taverneiro alemão a respeito de uma pessoa que tradu-

zisse para o português, bem e por preço baixo, um texto em alemão. Foi-nos indicado um intérprete, um alemão, mas que morava bastante retirado. Isso, porém, não nos reteve. Tomamos bem nota da rua, número da casa e o nome do morador. E logo nos puzemos a caminho e antes que se passasse uma meia hora tínhamos, felizmente achado a casa e encontrado o citado alemão. Apresentamos-lhe a nossa petição e concordamos em pagar-lhe 4\$000 pela tradução, com a condição, porém, que êle fôsse conosco, como intérprete, até o Imperador. Êle porém não concordou com essa condição. "Se não há outro jeito e não encontramos nenhum outro intérprete que vá conosco", disse eu ao meu acompanhante, "então, em nome de Deus, vamos nós mesmos sòzinhos". A necessidade quebra até ferro, diz um provérbio. Pode ser que, afinal, apareça alguém que vá conosco. E mesmo se não encontrarmos ninguém, a nossa petição falará por nós. Se o Imperador, então quizer falar conosco, êle talvez chamará alguém, pois eu ouvi que entre os servidores imperiais existe gente que nasceu na Alemanha. Tão logo o memorial foi traduzido, pagamos o dinheiro combinado e com a petição bem dobradinha no bôlso para que não se sujasse, apressamos-nos em direção ao palácio do Imperador. Lá soubemos que o Imperador não estava em Palácio e sim no seu castelo de São Cristóvam que ficava duas horas distante do Rio. Indagamos do caminho; disseram-nos que difficilmente encontraríamos o caminho e que faríamos melhor tomando um fiacre para chegarmos com mais segurança e mais barato. Como tínhamos ainda algum dinheiro e o tempo nos era muito precioso, não titubeamos muito e indagamos onde poderíamos encontrar um carro que partisse imediatamente. No em que ainda falávamos vinha uma tal condução pela estrada em direção ao palácio. Transmitimos-lhe o nosso desejo de seguir também, pagamos 400 réis por pessoa e subimos para o carro. Uma hora depois descíamos à porta do castelo imperial. O primeiro homem que encontramos foi um jardineiro, alemão de nascimento. Depois de nos termos cumprimentado como patrícios, contamos-lhe muita coisa da Europa sôbre o que êle queria saber e, afinal, o assunto veio a nosso respeito. Contamos-lhe a nossa situação e que, por isso, viemos até o Imperador e por fim lhe perguntamos se êle não queria ir conosco, pois conhecia a língua e nós receiávamos ir sós. Êle concordou. «Bem que te falei, quando hesitavas em vir, que appareceria alguém que fôsse conosco», disse eu ao meu acompanhante. «E tu estás vendo que onde é maior a necessidade a ajuda já vem mais perto. Deus não desampara os seus».

Fomos logo, em companhia do jardineiro para o castelo a fim de falar com o Imperador. Depois de anunciados a êste, foi-nos permitida a entrada para apresentarmos a nossa petição. Como me batia o coração e que mêdo se apossou de mim quando comecei a subir as escadas! E o meu companheiro não ia menos temeroso. Porém o jardineiro que leu no nosso semblante o mêdo e o susto, animou-nos. Êle contou-nos como o Imperador era simples e humano, e como êle até se entretinha com as crianças e como êle não deixava de atender a nenhum pedido justo. Principalmente com os alemães, disse êle, o Imperador era sobremodo bondoso e tudo fazia para o seu bem. «Fiquem alegres e não se assustem que a petição de vocês será atendida», disse o jardineiro. Em virtude dessas e de outras palavras com que se enalteciam as virtudes do Imperador, voltou-me a coragem e completamente calmo subi as escadas e, em cima, fomos recebidos pelo oficial de gabinete do Imperador que nos fêz penetrar no salão onde deveria achar-se o próprio Imperador. A sua alegre fisionomia apagou em mim todo o resquício de mêdo. Fizemos-lhe a nossa reverência, conforme fôramos instruídos e entregamos-lhe o nosso memorial. Êle o leu uma e duas vêzes e depois disse-nos por intermédio do intérprete, que poderíamos ir sossegados que a nossa petição seria atendida. Fizemos-lhe novamente as nossas reverências e deixamos, contentes, o castelo. Ainda ficamos conversando um pouco com nosso acompanhante, o jardineiro, em sua casa, agradecemos-lhe pelo favor que nos fizera e puzemos-nos de regresso, anciosos para transmitir aos nossos a feliz notícia. Como não houvesse mais carros, tivemos que fazer a viagem de volta a pé, o que nos foi um tanto pesado, pois ainda nos sentíamos cansados e não de todo ainda refeitos da travessia do oceano.

Contentes pela obra que realizáramos, entretanto, quase não sentimos a canseira; depois de duas horas de caminhada, encontramos-nos novamente no pôrto do Rio. Então notei que o meu estômago estava reclamando. Também o meu acompanhante queixava-se de fome e disse que, sem tomar alguma cousa que a sossegasse, não poderia prosseguir. Entramos, por isso, num restaurante e encomendamos um pouco de pão e carne e um copo de cachaça. Uma refeição mais lauta não era possível em face da escassez dos recursos da nossa caixa. Enquanto comíamos, ia anoitecendo o que nos forçou a apressar o retôrno. Chegando ao pôrto, quizemos atravessar a baía de barco, mas como não havia mais nenhum, vimo-nos em nova e séria dificuldade.

O motivo pelo qual não podíamos pegar o barco era o seguinte: Das 6 da manhã até às 6 da tarde determinados barcos deveriam dar passagem pelo preço de 80 réis por pessoa. Depois dessa hora, poderiam cobrar o que quizessem. Quando nos aproximamos dos negros encarregados do transporte para o outro lado, êles, fazendo sinal com os dedos, exigiram 4 mil réis. Que poderíamos fazer nós, que só tínhamos 1 mil réis no bôlso? Com tanto dinheiro não poderíamos nem mesmo passar a noite numa estalagem. A única coisa que poderíamos fazer era procurar um lugar qualquer na cidade onde pudéssemos passar a noite a céu aberto, na certeza, pelo menos, de que, no dia seguinte, o hospedeiro não nos apresentaria a conta.

Quando estávamos nos aconselhando a respeito, aproximou-se um francês que viera no mesmo navio que nós para o Brasil onde queria negociar objetos de ouro. Este já estivera antes muitos anos no país e entendia bem a língua. E como o meu companheiro falasse o francês contou-lhe a nossa situação. O francês passou então a combinar com os negros, mas êstes não queriam fazer por menos de 4 mil réis. O francês passou então a xingar os negros mas não adiantou nada. Nem pedidos, nem descomposturas serviram para alguma coisa. Os negros queriam o dinheiro. Enquanto o francês e os negros discutiam, veio em direção um senhor brasileiro que estivera parado a pouca distância e ouvira tôda a conversa. Ele perguntou-nos do que se tratava. O francês explicou-lhe que éramos uns pobres alemães recém-chegados; que tínhamos nos atrasado um pouco e que estávamos com muita vontade de passar para o outro lado e que os negros exigiam 4 mil réis, dinheiro que nós não tínhamos. Então o senhor nos perguntou quanto podíamos pagar. Nós dissemos-lhe que todo o nosso dinheiro não era mais que 1 mil réis. O homem passou então a discutir com os negros e a descompô-los mas também de nada adiantou; por menos de 4.000 réis não passariam ninguém. Então o senhor puxou do bôlso a carteira, tirou 4 mil réis, deu-os aos negros e ordenou-lhes que nos levassem imediatamente para o outro lado, o que realmente aconteceu em seguida. Assim fôramos novamente ajudados e, antes de partir, agradecemos muito ao brasileiro. Ao chegarmos ao lado de lá contamos o acontecido, como fôramos recebidos pelo Imperador todos se alegraram, rejubilando-se com a aproximação do fim das nossas amarguras. Mas era cedo ainda para alegrias porque, infelizmente, parecia que fôramos enganados. Aguardamos um, dois, três dias mas nada do auxílio que nos fôra pro-

metido. A necessidade, afinal, aumentara de tal sorte que mais da metade da nossa gente se viu na necessidade de ir esmolar de porta em porta, tendo sido atendida com liberalidade. Aquelles que não se sentiam com coragem de ir pedir nas casas, sempre recebiam alguma coisa dos seus conhecidos para matar a fome. Novamente comecei a imaginar, sem poder acreditar que o Imperador não mantivesse a palavra que nos empenhara. Por fim, pareceu-me chegar ao ponto nevrálgico do negócio. Me pareceu que aquêles que queriam por fôrça levar-nos para os seus terrenos, e que diàriamente nos incomodavam por intermédio dos seus agentes, estavam novamente com o dedo na mexida, provàvelmente agindo junto ao govêrno para que fôssemos constrangidos a ir para as suas propriedades. Para tanto, talvez, quizessem forçar-nos pela fome a concordar com as ofertas. Se de fato a coisa era mesmo assim, eu não tinha certeza, mas eu o imaginava e, pensar não paga impôsto. Resolvi, por isso, voltar ao Imperador. Pensei que tendo sido recebido tão bem da primeira vêz, também da segunda eu não seria pôsto na rua. Redigi outro memorial e segui em companhia do mesmo companheiro para o Rio. Lá mandamos fazer a tradução, não pelo primeiro, mas por um outro alemão que nos fôra recomendado o qual também se ofereceu para ir juntamente conosco ao Imperador, para servir como intérprete, o que muito nos alegrou. Tão logo havíamos chegado a acôrdo e o memorial foi terminado de traduzir, e que pagamos com dinheiro que nos tínhamos recebido de esmolas, fomos ver o Imperador. Desta vez o Imperador não estava em São Cristovam e, sim no Palácio, no Rio. Fomos até lá, fizemo-nos anunciar pela guarda e recebemos licença de entrar. Não estávamos tão temerosos e acanhados como da outra vêz e subimos, alegres, as escadas. Chegados acima, fomos guiados através de várias salas por um dos senhores que ali estavam, provàvelmente um serviçal do Imperador até que paramos diante de um grande salão onde estava Sua Majestade. Entramos, fizemos a nossa cortezia, como da outra vez. Aqui porém o Imperador não estava só, mas cercado de muitos senhores e, a julgar-se pela indumentária, também padres que estavam sentados ao redor da sala e o Imperador no meio. A nossa entrada êle levantou-se, veio ao nosso encontro e nós lhe consignamos a nossa petição. Ele leu-a e releu-a e mudou de côr, de sorte que eu pensei que êle se zangava e fiquei atemorizado. O intérprete porém fez-nos um sinal para que não nos assustássemos, pois nada havia a temer. Quando acabou de lêr o nosso memorial, começou êle a falar com os senhores, ora êste com aquêles, por muito tempo, não tendo eu entendido pa-

tavina do que se dizia. Mas, por sinais do intérprete, que entendia tudo, eu notei que as coisas estavam indo bem, sem que eu soubesse o porque. Depois, êle voltou-se para nós e mandou que nos dissêssem que êle sentia muito que tivéssemos esperado tanto tempo em situação tão miserável e esquecidos de auxílio; que nós voltássemos sossegados que certamente, muito breve seríamos socorridos. Entretanto, o pedido, que lhe fizéramos, de ser mandados para o Rio Grande, não foi deferido. Propuzeram-nos ao invés, três outras províncias: Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo. Deveríamos escolher entre elas. Sôbre isso nós iríamos pensar e tirar informações sôbre a qual mais nos conviria e, depois, quando fôssemos novamente interrogados a respeito, daríamos a resposta definitiva. Satisfeitos deixamos a sala da audiência e apressamo-nos a seguir para o outro lado para festejar, com os nossos, a favorável resposta do Imperador. A alegria não foi lá muito grande, pois, em vista da desilusão sofrida anteriormente, duvidavam desta vêz. Mas todos se alegraram muito quando ainda no mesmo dia chegou do Rio um barco carregado de gêneros como: carne, pão, café, açúcar, arroz, feijão, farinha de trigo, sal para nos serem distribuídos. Afinal as necessidades haviam chegado a um fim. Diariamente vinha um barco trazer mantimentos, isso por um mês inteiro, enquanto permanecêramos em Praia Grande. Agora vivíamos em abundância. Durante êsse tempo, nós nos informamos sôbre qual das três províncias seria a melhor para nós. Todos nos aconselhavam a província de Santa Catarina. Era a província menos povoada, tinha um clima saudável e os alemães seriam localizados mais próximos da cidade. Por isso, quando fomos novamente interrogados, optamos pela Província de Santa Catarina.

Finalmente, certo dia chegaram diversos grandes barcos; as nossas caixas, malas e móveis foram carregados e, afinal nós também embarcamos, desta vez num veleiro brasileiro no qual nós e toda a nossa bagagem nos acomodamos. Levantamos âncora e estendendo as velas o barco saiu barra a fora, rumo a Santa Catarina. O tratamento a bordo dêsse barco foi excelente. Recebíamos mantimentos boas e em abundância. O único mal de que padecemos foi a falta de espaço. O navio era pequeno e tínhamos que nos manter a maior parte do tempo na coberta. Isso, devido ao clima quente, não seria nada se o tempo tivesse sido sempre bom. Mas, várias vêzes choveu copiosamente e, como estivéssemos a céu aberto, ficávamos encharcados até os ossos. Depois de seis dias de viagem, chegamos bem dispostos ao pôrto de Santa Catarina, onde ancoramos. No mesmo dia

fomos transportados do navio para a cidade, onde nos acolheram num quartel desabitado. Na cidade, fomos recebidos muito bem, pois os alemães, como gente ativa e trabalhadora, gozava de bom conceito e nós erámos os primeiros ali chegarem depois que, vinte anos atrás, ali se haviam estabelecido os primeiros alemães. Nos primeiros dias da nossa permanência na cidade recebíamos gêneros alimentícios, como no Rio. A maioria, porém, preferia que, caso o auxílio ainda perdurasse por muito tempo, êle fôsse dado em dinheiro e não em gêneros. Alguns foram ao presidente da Província fazer-lhe essa sugestão. O Presidente ficou satisfeito, pois para êle também se afigurava melhor a solução, que não lhe dava tanto trabalho. Assim, cada pessoa receberia 160 réis, que eram pagos, pontualmente, no comêço de cada mês. Isso, naturalmente era muito pouco, porém, passávamos bem com essa quantia, pois os gêneros eram baratos. Muitos também arranjaram serviço na cidade e trabalhavam da manhã até a noite para economizarem alguma coisa para o futuro. O auxílio foi-nos dado durante 18 meses seguidos. Iríamos receber as nossas terras num lugarzinho situado uma escassa hora de viagem da capital, na estrada real que seguia pelo interior para Lajes, uma cidadezinha no planalto. "Em uma estrada"! Isso é um grande benefício para a colônia" pensei comigo quando soube do caso. Estávamos já, mais ou menos, dois meses na cidade quando um belo dia nos chegou a notícia de que deveríamos seguir para as nossas terras. E, realmente, nesse mesmo dia a nossa bagagem foi levada para bordo de um lanchão no qual também embarcamos e seguimos para o outro lado da baía e mais algumas horas por um rio acima até que o barco não encontrou mais fundo. Ali fomos alojados em casas de particulares, de brasileiros até que uma família depois de outra fôsse transportada para diante em carros de bois. Mas nós não fomos diretamente para os nossos lotes, pois as terras ainda não haviam sido medidas. Três horas distante do último morador, em plena mata, fôra construído um grande rancho enquanto estávamos na cidade. Era, porém, construído muito rudimentarmente, todo aberto ao redor, provido apenas de uma cobertura de folhas do mato. Para êsse rancho foram trazidas tôdas as famílias. Como algumas eram muito numerosas foram repartidas em diversos grupos e cada pai de família arranjou seu canto sob a coberta, fechando-o com palmitos falquejados para abrigar-se com os seus. Como eu fiquei admirado, quando vi a estrada real! Na Europa nós não tínhamos nem mesmo um simples caminho que fôsse tão ruim como essa estrada. Invadida pelo mato, que repuxava a roupa da

gente e onde, a cada passo se enterrava na lama até os joelhos, ou então com água até a barriga, tendo-se de tirar os vestidos — isso era a principal estrada da Província! A que temos hoje, pode-se dizer que se parece com uma estrada. Pouco depois da minha chegada ao barracão comum, exatamente antes da Festa do Espírito Santo, eu e um dos melhores amigos, resolvemos visitar uma colônia vizinha (hoje São Pedro de Alcântara) que fôra povoada por alemães uns 20 anos antes (1828) e que distava do nosso barracão um dia de viagem e verificar como levavam a vida os alemães ali residentes. Puzemo-nos a caminho, com uma roupinha melhor, embrulhada numa toalha para passar lá a festa de Pentecostes. Num pequeno trecho a estrada estava mais ou menos boa; tornou-se, porém, mais adiante, tão ruim que nós mal podíamos ir adiante. Fomos obrigados a tirar as botas, arregaçar as calças até a barriga e ir descalço pela lama. A cada passo, enterrávamo-nos até os joelhos e com muito trabalho e só com muito custo retirávamos novamente as pernas da lama. E como tivesse chovido muito dias antes, os riachos engrossaram e nem se podia pensar em ponte. Algumas vêzes, tivemos que atravessar ribeirões com água pelos sovacos, tendo eu numa destas quase perdido a vida. Chegando a um ribeirão, que eu julguei não fôsse muito fundo e através do qual o meu amigo tinha passado muito bem, meti-me resolutamente nêle. Mas quando cheguei ao meio, senti que não tomava mais pé e fui arrastado pela fôrça das águas. Mergulhei e quando novamente voltei à tona achei-me próximo à margem, agarrei-me a um ramo de arbustos que cresciam acima da corrente. Segurei-me firmemente e firmei-me, com água até os hombros, permanecendo assim por algum tempo para refazer-me do susto que tomara. Depois, firmando-me no ramo fui me chegando à margem, vendo-me, afinal, salvo. Naturalmente que fiquei completamente molhado. Enfiei a roupa enxuta que o meu amigo passara embrulhada na toalha puzemo-nos novamente a caminho, sempre amassando lama. Caíu a noite antes que chegássemos à Colônia. Não nos restou outra alternativa que procurar um alojamento onde pudéssemos passar a noite, o que realmente aconteceu, pois, já escuro, vimos nas proximidades um fogo acêso e para lá nos dirigimos. Chegamos a um rancho em ruínas, no qual, em redor do fogo, estavam assentados dois negros. Resolvemos passar ali a noite, caso nos fôsse dada a licença. Fiz o possível para dar a entender o nosso desejo, tendo sido compreendido e atendido. Eles arrastaram um tronco de pau para perto do fogo e acenaram-nos para que nos assentássemos. Como estávamos com

tome fizemos-lhes sinais para que nos arranjassem algo de que comer, mesmo que fôsse apenas bananas. Eles, porém, só puderam nos oferecer água, o que recusamos, pois, dela já andávamos mais do que fartos. Quando chegou a hora de dormir, os negros estenderam no chão um couro de boi, que nos serviu de cama e um bloco de madeira por traveseiro, próximo ao fogo, acenaram-nos para que nos deitássemos e deixaram o local. Cansados como estávamos da viagem, deitamo-nos para descansar um pouco, pois, dormir era impossível. Também mal a gente podia ficar quieto por causa do frio. Nunca senti tanto frio, como naquela noite. Na Europa, muitas vêzes eu senti frio, mas nunca em comparação com o que eu passei aqui. Sentei-me junto ao fogo procurando esquentar ora um, ora outro lado do corpo. Nada porém adiantava. Enquanto a parte do corpo que estava voltada para o fogo quase se assava, a outra se congelava. Batiam-me os dentes de tal forma que eu nem podia falar. O mesmo acontecia com o meu companheiro. Como nos sentimos aliviados quando ouvimos um galo cantar! Tão logo o dia começou a clarear deixamos o nosso alojamento. Em café ou merenda nem era bom pensar. Tratamos foi de nos afastarmos sem mesmo pensar nos nossos hospedeiros. Fôra, o solo crepitava aos nossos pés e notamos então que o chão estava completamente coberto de geada. Foi a primeira geada que vi no Brasil. Para felicidade nossa, o caminho começou a ficar melhor e não precisamos mais tirar as botas. Tivéssemos que fazê-lo para amassar lama ou passar por água e certamente teríamos perecido congelados. Mesmo assim, sentimo-nos felizes e de coração alegre quando, mais ou menos uma meia hora depois, encontramos uma casa com moradores alemães. Chegamos ainda gelados e tremendo. Quando os moradores, que justamente estavam se levantando, souberam onde tínhamos passado a noite e o que tinha nos acontecido, fizeram-nos depressa uma xícara de café, com o qual nos sentimos reanimados.

Pouco depois, também, estávamos diante de um formidável almôço ao qual nos atiramos sem esperar segundo convite. Depois de termos comido bem, tivemos que contar muita coisa da Europa que interessava aos nossos patrícios que, há cêrca de 20 anos nada mais tinham ouvido da sua pátria. Acendemos os nossos cachimbos e seguimos o nosso caminho para a povoação da Colônia onde chegamos depois de uma boa hora de marcha. Lá chegados, não precisamos indagar muito por um alojamento. Todos nos chamavam; todos nos ofereciam de comer

e de beber, todos queriam nos hospedar em suas casas, cada qual queria saber alguma coisa da sua terra. A situação dos alemães e a vida que levavam, agradou-me muito; acreditamos estar novamente na Alemanha. O dia seguinte, que era da festa, reuniu-se tão grande quantidade de alemães que mal se poderia imaginar. Homens, mulheres e crianças, todos montados a cavalo, vinham da Colônia para a povoação para irem à igreja e festejar a data. De todos os lados éramos bombardeados com perguntas que não podíamos responder como desejávamos. Como na Alemanha, observei também que aqui os alemães não perderam o hábito de divertir-se. Mal a missa terminou, todos caíram na dança. Mesmo que a orquestra, composta de um clarinete e um violino, fôsse das piores, não faltavam disposição e alegria para o baile. Mãos e velhos rodopiavam na sala enquanto a bebida não ficava esquecida. À noite, a maioria dispersou-se em direção às suas propriedades. Muitos, porém, ficaram na pândega até o dia clarear. Nós, ainda cansados e com sono, procuramos nos recolher a uma boa cama e dormimos até que o sol alto nos deu na cara e fomos chamados para o café. Ficamos alguns dias na Colônia, visitamos muitos colonos, que encontramos a todos em boa situação e que nos receberam com muitas atenções. Ficamos admirados de como eles tinham arrumado bem as suas propriedades, com grandes e bonitos pastos e grande criação de gado. Com o firme propósito de esforçar-nos por arrumarmos também para nós uma situação igual, deixamos a Colônia e regressamos aos nossos no mencionado rancho. Alguns dias depois dessa viagem, deu-me vontade de examinar as terras que nos seriam destinadas. Iniciei a viagem em companhia de um rapaz alemão, já aqui nascido, e que estava bem ambientado nas condições de vida da região. Nós queríamos chegar até onde os agrimensores estavam ocupados com a medição. Com a espingarda às costas e um grande facão na cintura, e um saco com mantimentos às costas, entramos no mato. Primeiramente tínhamos que subir um morro bem alto. Como não houvesse ainda um verdadeiro caminho e sim uma simples picada pela qual muitas vezes tinha-se que se arrastar de gatinhas através da mata só muito vagarosamente podíamos ir adiante e levamos quase meio dia até chegar em cima do morro. Nós esperávamos chegar antes do anoitecer onde os homens estavam medindo, mas as nossas esperanças falharam. Caiu a noite e nós nem sinal tínhamos dos homens. A mim me horrorizava o ter que passar a noite no mato onde já mesmo de dia a gente não enxergava cinco passos adiante. Mas tive que me conformar com isso. An-

damos às apalpadelas mesmo, enquanto nos foi possível enxergar um pouco. Mas ficou de repente escuro como breu e fomos obrigados a parar. O meu companheiro puxou o seu isqueiro, catou uns gravetos e com êstes procurou acender fogo. Como porém êste teimava em não se acender, atirou-lhe uns trapos e depois jogou sôbre êles um pouco de pólvora. Foi a conta para que as labaredas logo se levantassem. Pelo menos assim poderíamos vêr alguma coisa diante de nós. E como havia bastante lenha em derredor, atiramos dela grande quantidade ao fogo de forma que as labaredas subiam quase à altura das árvores. Ao clarão da fogueira, vimos que nos encontrávamos à margem de um pequeno regato, o que muito nos alegrou, pois sentíamos grande sêde. Depois de têmos saciado a sêde pensamos em ceiar. Tínhamos trazido pão, carne-sêca, café e açúcar. Mas nada de vazilha para ferver a água. Quando eu manifestei ao meu companheiro a vontade que tinha de beber uma xícara de café, êle me disse: «Pois não seja essa a dúvida! Nós poderemos muito bem ferver água e fazer café». «Como?», perguntei. «Certamente não há de ser nem no chapéu nem no gôrrô, não é?». «Pois você já vai vêr» retrucou êle e tomando do facão cortou um bambú da grossura de um braço e, indo ao ribeirão, encheu-o d'água e assim meteu-o no fogo. A água pouco demorou a ferver e então êle pôs pó de café dentro dentro dela e me ofereceu a bebida dizendo: «Aqui está o seu café. E se êste não chegar, faremos mais. No mato, o que não faltam são vazilhas para ferver água». Depois disso êle cortou uma vara e enfiou nela um pedaço de carne-sêca que chegou ao fogo até que a mesma estivesse assada. Agora tínhamos café e um gostosíssimo churrasco, mas faltavam-nos as xícaras. Mas isso também ficou logo resolvido. Nós tínhamos trazido uma pequena botija com cachaça. Bebemos o resto que ainda nela havia e o meu companheiro quebrou a botija pelo meio e dando-me a parte de baixo, disse: «Aqui você tem a sua xícara. A outra é minha». Assim, pois, comemos e bebemos com grande gôsto, depois de uma viagem tão ruim e tão cansativa. Depois sentamo-nos junto ao fogo e conversamos sôbre caçadas até que, por fim, o meu companheiro começou a cochilar e em pouco dormia profundamente. Eu não pude pegar no sono. Qualquer barulhinho que o vento provocava na folhagem parecia-me que fôsse alguma fera ou algum índio que estivesse me espreitando de dentro do mato espêssô e, por isso, a maior parte do tempo eu passei com a minha espingarda engatilhada entre as mãos. Tão logo o dia começou a clarear chamei o meu companheiro que ainda dormia a

sono sôlto. Acendemos o cachimbo e puzemos-nos logo em marcha. Tivemos que caminhar ainda bem duas horas até que alcançamos o pessoal que se ocupava com a medição. Ali chegados, a nossa primeira providência foi fazer café, tendo, para isso, emprestado umas vasilhas; assamos o nosso churrasco e saboreamos o nosso almôço. Ali permanecemos durante aquele dia. Mas já no dia seguinte, empreendemos a viagem de volta, bem cedinho, para que não tivéssemos de pernoitar novamente no mato. À noitinha chegamos ao nosso acampamento trazendo conosco uma boa quantidade da caça de pena que havíamos atirado pelo caminho. Depois dos terrenos demarcados, cada família recebeu o seu lote. Quanto maior a família, maior era a área do terreno. Moços solteiros, recebiam 100 braças de frente por 1000 de fundos (200 morgos). Chefes de família recebiam 125 a 200 braças de frente por 1000 de fundos, conforme a quantidade de dependentes. Assim, cada qual de posse de um pedaço de terra que podia chamar seu começou a tratar de fazê-lo produzir para não ter que sofrer mais tarde. Enquanto as mulheres e as crianças ficavam no acampamento, os homens com os filhos e filhas mais crescidos iam para as suas propriedades a fim de torná-las habitáveis. Providos de machado, foice e facão, cada qual com a sua carga de mantimentos às costas, marchava mato a dentro até os seus terrenos. Lá construía, primeiramente, um pequeno rancho para o qual o mato fornecia tudo. Depois tratava-se de preparar um pequeno trato de terra para plantação. Enquanto os filhos menores derrubavam os arbustos e pequenas árvores o pai punha abaixo a machadadas os gigantes da floresta e a filha tratava da cozinha. Nesse trabalho decorriam semanas até que um bom pedaço de mato estivesse derrubado. A espingarda nunca ficava longe da mão. Seguidamente matava-se caça, de pena, ou não e às vêzes até um macaço que forneciam carne boa para a alimentação. Cobras, que antes arrastavam-se sem serem molestadas eram mortas com um tiro, ou com uma cacetada. Tão logo o mato derrubado estivesse sêco e o tempo fôsse favorável, queimava-se a roça. Era uma beleza se ver como o fogo levantava labaredas até a côpa das mais altas árvores que haviam ficado de pé. Depois, escolhia-se um lugar próximo a uma fonte d'agua, o qual era limpo e preparado para construir-se ali uma casinha para tôda a família. Buscavam-se moirões, que eram enterrados e, depois folhas apropriadas, de uma espécie de palmeira, próprias para cobertura, depois faziam se as paredes de ripas amarradas com cipó que eram então cobertas com barro amassado. Em pouco a casinha estava pronta. Transportar, depois, os móveis para a colônia não era coisa fácil. Como o caminho do acampamento para a colônia ainda não estava feito, não passando de uma picada muito primitiva, por isso não se podia pensar em transportar os nossos trastes em carroças ou em lombo de burro. Tudo tinha que ser transportado às costas por várias horas de caminho. Enquanto a mamãe levava o filhinho ao colo, ou uma cêsta com roupa de uso, a filha carregava a roupa maior ou alguns baldes e panelas enfiados no braço, o pai e o filho mais velho seguiam atrás carregando um pesado caixão amarrado a um pau que levavam aos ombros. Como tudo tinha que ser transportado dessa maneira para a Colônia, passava-se muito tempo até que o último objeto estivesse em casa. Mas, a final, tudo ali estava e a família começava então a semear e a plantar verduras e cereais, preparando-se para enfrentar o futuro.

Nos primeiros anos, certamente, as coisas não iam às mil maravilhas; passava-se muita necessidade, mas depois de algumas colheitas, tudo melhorava.

De dia para dia a clareira na mata ia se alargando; de dia para dia se plantava mais e a fartura ia se acentuando entre os moradores.

Muitos anos já se passaram e a colônia desfruta hoje de invejável situação. Todos aqueles colonos que vieram comigo para o Brasil, para Santa Catarina, estão hoje bem arrumados, são agricultores e criadores abastados. A mataria foi derrubada em grandes extensões e os caminhos foram bem melhorados. A viagem para a cidade de Destêrro (hoje Florianópolis, N. d. T.), na qual, então, gastavam-se dois dias inteiros, é feita hoje num só dia. Aos moradores desta Colônia aconteceu realmente o que diz o ditado: Depois da tempestade vem a bonança.

Assim como a mim, que aliás não moro mais nesta Colônia e sim noutra próxima, na de Teresópolis, — que não penso mais em voltar para a Europa, também deve acontecer com os demais que comigo vieram.

(Teresópolis, 1867)

## ÍNDICE GERAL DO VIIº. TOMO

	Pag.
Aos nossos amigos - - - - -	1
Dr. Cunha e Avuão - Celso Liberato - - - - -	2
Uma Opinião Sôbre Fritz Müller, Gama Rosa - - - - -	4
Valiosa Contribuição - Paula Ramos - - - - -	6
Outra Carta de Edgar Barreto - - - - -	9
Estante de Cadernos — «A Faca e o Rio» - - - - -	12
«Chapadão do Bugre» - - - - -	165
«Pastoral de Saudação» - - - - -	165
«Colonização etc.» - - - - -	179
Figuras do Passado — Pastor Faulhaber - - - - -	13
Região Geo-Econômica — Piçarras - - - - -	15
Navegantes - - - - -	61
Mais um Testemunho — J. Ferreira da Silva - - - - -	19
Os Xokleng, hoje — Silvio C. Santos - - - - -	21
Biografia dos Índios Xokleng - - - - -	31
A Estrada Blumenau—Curitibanos - - - - -	33-74
Uma Figura Típica de Blumenau de Antigamente - - - - -	35
Memórias de Fides Deeke - - - - -	40-37
História do Terreno da «Casa Dr. Blumenau» - - - - -	52
Figuras do Presente — Dr. Guilherme Renaux - - - - -	53
Pioneiro da Luz Elétrica - - - - -	54
Demonstração de Simpatia — Salve Blumenau - - - - -	55
Eu vou prá Blumenau - - - - -	56
Adeus Blumenau - - - - -	57
Achegas à História da Navegação do Rio Itajaí - - - - -	58
Açúcar e Abelhas - - - - -	59
Professores Coloniais - - - - -	60
Perspicácia de Agente - - - - -	65
Relíquia Histórica — Nestor Heusi (Vapor «Blumenau») - - - - -	66
Há 64 Anos Atrás - - - - -	69
Um Pouco de Folclore — Rezas e Benzimentos - - - - -	71-164
Foto do Dr. Blumenau - - - - -	79
Mãe — Nestor S. Heusi - - - - -	80

O Palheta (Vapor «Blumenau») Celso Liberato	-	-	81
Um Cinquentenário Glorioso — J. Ferreira da Silva	-	-	87
Recordação da Antiga Blumenau — Gertrudes Gross-Hering	-	-	92
Lavação de Roupa	-	-	99
Poliantéia Blumenauense	-	-	100
Ai Botocudi — Trentini	-	-	100
Primeiro Capítulo da História de Joinville — Dr. C. Ficker	-	-	101
O Pioneiro (Vapor «Progresso») Celso Liberato	-	-	127
Lembrança — Acróstico — A. Mosquera	-	-	129
Intercâmbio Cultural — H. Zimmermann	-	-	130-189
Genealogia dos Fey	-	-	131
Os Voluntários da Pátria de Brusque	-	-	133
Visita do Presidente Coutinho	-	-	135
Crece a Festa de Azambuja — Pe. Raulino Reitz	-	-	137
Capim-Volta	-	-	138
Então como Hoje	-	-	139
Os Persuhn	-	-	140
Os Relatórios do Dr. Blumenau	-	-	142
Um Documento Interessante	-	-	127
Monumentos de Blumenau	-	-	152
Capela de São Bonifácio	-	-	152
Conservacionismo em Santa Catarina — Pe. Raulino Reitz	-	-	153
Dados Genealógicos de Augusto Zittlow	-	-	161
O Primeiro Automóvel	-	-	162
Promessas — Pe. Solano Schmitt	-	-	163
A Colônia Heimat	-	-	164
Othon da Gama Lobo D'Eça — C. Costa Pereira	-	-	166
Mensagem Irmã — Jandira Ávila	-	-	159
O Vale do Itajaí e a Revolução de 1893	-	-	171
Um Fato Lamentável (Matriz da Penha)	-	-	174
Filatelia	-	-	175
Paróquia de Rodeio	-	-	176
O Novo Govêrno de Blumenau	-	-	177
Aos Voluntários da Pátria	-	-	178
Blumenau debaixo d'água	-	-	180
Folclore Teuto Brasileiro	-	-	183
Colonização do Oeste	-	-	185
Assalto de Bugres	-	-	185
Uma Justa Homenagem — José Sanchez	-	-	188
Uma Idéia para a Cura dos Play-Boys	-	-	191
A Propósito da Excursão — C. da Costa Pereira	-	-	193
Interessante Correspondência — F. e R. Kirschner	-	-	196
Uma Curiosidade Botânica em Blumenau	-	-	201
Provas mais que Evidentes	-	-	202
O Pico Culminante — Spitzkopf	-	-	203
Uma Carta do Professor Ostermann	-	-	204
O Táler	-	-	205
Curiosidades sôbre as Ruas de Blumenau	-	-	206
Primeiros Dias de Joinville — Carlos Ficker	-	-	207
Um Prelado Compreensivo e Culto	-	-	224
Predestinado — Octaviano Ramos	-	-	226
Da Vida de um Alemão no Brasil	-	-	227

# HOTEL REX

BLUMENAU

SANTA CATARINA



100 APARTAMENTOS

dotados de todo o confôrto.

*A presente edição de «Blumenau em Cadernos»  
deve a sua publicação à gentileza das seguintes  
firmas que, por intermédio da respectiva Comissão  
do Lions Clube Blumenau-Centro, contribuíram  
para o montante das respectivas despesas:*

COMERCIAL BLUCAR S/A.

LOJAS HERING S/A.

MALHARIA MAJÚ S/A.

CURT METZGER - Representações

COMPANHIA MERCANTIL VICTOR PROBST